

# Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais

(Notes for the work with focus group technique)

Luciana Kind\*

## Resumo

Este artigo pretende oferecer alguns elementos para a utilização criteriosa da técnica de grupos focais em práticas investigativas. São ressaltados os pontos principais para construção e condução de grupos focais. Nesse sentido, o trabalho se concentra em descrever o que é um grupo focal, reconhecendo critérios para sua constituição e as etapas da condução do grupo. Destacam-se as posições do moderador e do observador no grupo e a importância de se garantir uma discussão participativa acerca de determinado tema. Assume-se, em concordância com a bibliografia consultada, que o grupo focal é essencialmente uma técnica de coleta de dados. Contudo, é destacada a necessidade de se orientar por pressupostos teóricos e metodológicos que sustentem sua utilização.

Palavras-chave: Grupos focais; Construção e condução de grupos focais.

Este artigo se originou da tentativa de sistematização do trabalho com grupos focais em práticas investigativas. No processo de pesquisa acerca das representações sociais do câncer (KIND, 2003), deparei-me com uma dificuldade singular. Encontrei àquela época poucos estudos sobre “como” conduzir grupos focais, tendo em vista sua característica principal de ser um procedimento de coleta de dados. Apesar de encontrar grande número de trabalhos em bases de dados de produção científica – PubMed, Cancerlit, periódicos nacionais e internacionais – ou em sites abertos de busca – Google,

---

• Texto recebido em dez./03 e aprovado para publicação em abr./04.

\* Mestre em Psicologia Social (UFMG), doutoranda em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), professora da PUC Minas – São Gabriel, membro da Diretoria Nacional da Abrapso/2003-2005. e-mail: lukind@hotmail.com.

Altavista –, poucos relatos de pesquisa apontam o processo de construção e condução da técnica de grupos focais. A bibliografia que apresenta maior sistematização desse processo não está disponível em português (DEBUS, 1988; KRUEGER, 2002; CANALES; PEINADO, 1995).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é subsidiar investigações posteriores que prevejam o uso de grupos focais. Por acreditar que é necessária uma utilização conscienciosa do grupo focal, deter-me-ei em descrevê-lo como técnica ou procedimento de coleta de dados. Assim, assumirei que a perspectiva de grupo focal, como apontam Afonso e Coutinho (2003), Colognese e Melo (1999) e Minayo (1994), apresenta-se como uma entrevista em grupo, que atende a fins específicos em dada investigação. Não se trata, contudo, de entrevistar indivíduos num mesmo espaço físico. Devemos considerar que essa técnica tem seus fundamentos teórico-metodológicos nas teorias de grupo, na sociologia e na psicologia social crítica. Isso delimita sua natureza relacional, ou, trazendo uma das contribuições de Bion (1975), devemos entender que “o grupo é essencial para a realização da vida mental de um homem” (sic).

## O QUE É GRUPO FOCAL?

Resgatando um pouco do histórico sobre a técnica, o grupo focal surgiu na década de 1950, quando Robert Merton foi convidado por Paul Lazarsfeld para ajudá-lo a avaliar respostas da audiência de um programa de rádio (ROSO, 1997). Merton observou que era difícil para as pessoas expressarem sua opinião sobre filmes e programas em entrevistas individuais. Posteriormente, Merton utilizou a técnica de grupos focais (originalmente chamada de entrevista focalizada em grupo) no Exército, com o intuito de avaliar o treinamento e filmes morais. Esse trabalho resultou na publicação de um livro sobre a técnica – *Focus group* –, que acabou tendo seus procedimentos modificados pela incorporação de *backgrounds* teóricos sobre grupos (ROSO, 1997).

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. A despeito disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *a priori*, para investigações qualitativas.

Mesmo correndo o risco de oferecer uma descrição do tipo “manual” ou “guia” para os leitores, acredito ser importante delimitar como os grupos focais são construídos e conduzidos. Que isso seja acolhido como um convite a

uma apropriação crítica para aqueles que queiram utilizar esse recurso metodológico no processo de construção do conhecimento.

Tomemos, então, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado (CHIESA; CIAMPONE, 1999; ALZAGA, 1998; NERY, 1997; CANALES; PEINADO, 1995).

Como já apontado, a técnica de grupos focais encontra-se fundamentada na tradição do trabalho com grupos, na sociologia e na psicologia social crítica. Deste modo, encontraremos a utilização da técnica calcada em fundamentações teóricas distintas, trazendo implicações principalmente para a análise do processo de investigação.

Encontramos autores (CHIESA; CIAMPONE, 1999; PEREIRA *et al.*, 1999) que sustentam o grupo focal com a fundamentação teórica dos grupos operativos como desenvolvidos por Pichón-Rivière (2000). O grupo focal é tomado como um grupo que se organiza em torno de uma tarefa específica: fornecer informações acerca de um tema anteriormente determinado. Os grupos focais, contudo, devem ser muito mais diretivos do que os grupos operativos, cabendo ao mediador intervir na dinâmica grupal sempre que o tema for extrapolado. Já no grupo operativo, cabe ao moderador acompanhar o movimento do grupo, confiando em sua potencialidade para realizar a tarefa (PEREIRA *et al.*, 1999).

Outros autores (NERY, 1997; CANALES; PEINADO, 1995) adotam princípios teóricos das contribuições de Bion para a construção e análise dos grupos focais. Nessa perspectiva, considera-se o grupo como um grupo de trabalho, mantendo-se, contudo, a postura investigativa mais do que estritamente clínica na condução da discussão. Há também incorporação da noção de suposições básicas (dependência, acasalamento, fuga-luta) na interpretação das discussões empreendidas pelo grupo (BION, 1975).

A sociologia e a psicologia social crítica, com suas contribuições sobre representações sociais, análise do discurso e produção de sentido, aparecem também como referenciais que freqüentemente sustentam o trabalho com grupos focais (MINAYO, 1999; ALZAGA, 1998; OLIVEIRA; WERBA, 1996; CANALES; PEINADO, 1995). A análise que se faz nesses casos é quase sempre psicossocial, respeitando-se referenciais teóricos específicos desses campos de saber (sociologia e psicologia social).

Outras abordagens que envolvam relações de identidade, discurso e comu-

nicação podem ser tomadas como referência no trabalho com grupos focais. Acredito, todavia, que é inconcebível desconsiderar a dimensão grupal inerente à técnica em questão. Quer tome uma ou outra abordagem teórica como ponto de partida, os autores citados neste texto concordam numa questão: é necessário que os moderadores de grupos focais estejam atentos ao processo grupal, estejam capacitados para avaliar os dados sob este ângulo (analisando as interações) e se preocupem com certas indicações para condução da discussão, tais como, tamanho do grupo, focalização em um tema, homogeneidade do grupo, garantia de participação de todos os integrantes do grupo na discussão. Outro ponto comum entre os autores consultados é a importância do grupo focal como técnica que visa a produção de conhecimentos, geralmente ligada à prática de pesquisa.

Os tópicos que se seguem são freqüentemente destacados pelos autores mencionados para o desenho e a condução da técnica de grupos focais.

## PARA QUE E QUANDO UTILIZAR GRUPOS FOCAIS?

Nery (1997) lista as principais indicações para o uso do grupo focal:

- 1) exploração inicial com pequenas amostragens da população;
- 2) investigação profunda de motivações, desejos, estilos de vida dos grupos;
- 3) compreensão da linguagem e das perspectivas do grupo;
- 4) teste de conceitos e questões para futuras investigações quantitativas;
- 5) acompanhamento de pesquisa qualitativa;
- 6) obtenção de informações sobre um contexto específico;
- 7) obtenção de informações sobre novos produtos, conceitos, fenômenos, etc.

Após esclarecimentos sobre a finalidade da utilização dos grupos focais, passemos a algumas razões que justificam a escolha dessa técnica. Devemos utilizar grupos focais quando:

- 1) a interação pode fomentar respostas mais interessantes ou novas e idéias originais;
- 2) a pressão de participantes homogêneos facilita suas reflexões, ao mesmo tempo que incita opiniões contrárias;
- 3) o tema não é tão delicado a ponto de dificultar as respostas;
- 4) o tema tem a possibilidade de ser discutido por todos os participantes.

Os pontos descritos nesta seção coincidem com algumas das vantagens citadas por Aigner (2001) na utilização dos grupos focais. Esse autor também aponta certas desvantagens do grupo focal: não permite generalização; facil-

mente se confundem os pontos de vista do grupo como sendo característicos daquele conjunto de indivíduos e não como de um coletivo social maior, com expressões culturais distintas; geralmente se menospreza a importância da habilidade do moderador na condução da discussão.

Ressalto, entretanto, que a escolha da técnica de grupos focais deve remeter ao desenho metodológico da pesquisa a ser desenvolvida. Cada proposta de investigação contém em seus objetivos específicos a justificativa para essa escolha metodológica.

## COMO SE CONSTITUEM OS GRUPOS FOCALIS?

Exceto pelo fato de ser necessário ter um moderador e um observador, gostaria de enfatizar que todos os demais critérios de constituição dos grupos focais devem ser coerentes com os objetivos de pesquisa previamente definidos. Portanto, cabe ao(s) pesquisador(es) delinear os grupos de forma coerente, tendo em vista o que se quer investigar.

Entretanto, cabe destacar algumas diretrizes a ser consideradas quando a técnica de grupos focais é utilizada em pesquisa:

- a) devem ser organizados pelo menos dois grupos para cada variável pertinente ao tema que será abordado;
- b) deve-se organizar um número de grupos suficientes para que haja saturação do tema.

A quantidade de grupos focais é muito menos importante do que a qualidade ou riqueza das discussões, geralmente proporcionada pelo estilo de condução adotado pelo moderador e por um bom guia de temas.

### Número de participantes

Não há consenso quanto ao número de participantes para um grupo focal. Alguns autores dizem que esse número, por grupo, deve ser de 6 a 15 pessoas (CHIESA; CIAMPONE, 1999; PEREIRA *et al.*, 1999; SENA; DUARTE, 1999). Outros autores são mais cautelosos quanto ao número elevado de participantes por grupo, apontando, dentre outros problemas, a dificuldade de garantir que todos tenham a oportunidade de falar sem que a discussão se torne excessivamente diretiva (DEBUS, 1988; ROSO, 1997). Esses autores indicam de 8 a 10 participantes por grupo, sendo ideal um número de 5 a 7 integrantes em cada grupo focal. Debus (1988) ressalta que determinadas questões exigem “mini-grupos” para que sejam abordadas em profundidade.

## Duração e número de encontros

A duração média sugerida na bibliografia aqui utilizada é de 90 a 120 minutos. Se a informação desejada for demasiadamente específica, não deverá durar mais do que 40 minutos (DEBUS, 1988, p. 21). Não se deve ultrapassar muito o tempo proposto no contrato inicial com o grupo.

Em geral, a combinação de objetivos de pesquisa claros, a construção de um temário adequado, e uma equipe de moderador e observador capacitados dispensa mais de um encontro por grupo. Caso o tema não tenha sido suficientemente debatido, pode-se marcar novo encontro para complementar os dados necessários.

## Local

É consenso entre os autores trazidos para esta explanação que o ambiente ideal para a realização de grupos focais deve: propiciar privacidade; ser confortável; estar livre de interferências sonoras; ser de fácil acesso para os participantes.

## Moderador

Debus (1988) coloca que a escolha do moderador do grupo focal é vital para a realização de um debate eficaz. Essa escolha deve considerar:

- 1) características pessoais;
- 2) estilos de moderação;
- 3) experiência e antecedentes.

Esses elementos auxiliam na análise da implicação do moderador, já que normalmente este é também o pesquisador responsável pela investigação.

Dentre as características pessoais, gostaria de ressaltar a abertura para a discussão e a postura de acolhimento diante dos participantes, o distanciamento com relação ao tema, de forma a acolher posições contrárias de maneira respeitosa e hábil para escutar os integrantes, e a consciência das suas intervenções verbais e não-verbais.

O estilo de moderação diz respeito à atitude e ao comportamento do moderador diante do grupo (mais amigável, provocativo, mais ativo, menos ativo, etc.). Muitas vezes, é o ritmo do grupo que determina o estilo de moderação. Um moderador mais experiente pode mudar seu estilo quando o grupo o exige.

Quanto à experiência e aos antecedentes, vale marcar que, tendo o moderador conhecimento especializado no tema de estudo, há a possibilidade de uma

mediação mais fluida. Debus (1988, p. 63), chama a atenção para o fato de que o moderador não é mestre, juiz, condescendente, indutivo, parcial. Por sua vez, o grupo focal não é um texto com respostas certas e erradas, espaço para preleções pedagógicas ou para persuasão.

A tarefa básica do moderador é manter o grupo em interação por um tempo de 60 a 90 minutos, com a finalidade de obter dados acerca do tema da pesquisa. Em torno dessa tarefa, circulam outras relativas à dinâmica da moderação, que serão detalhadas no funcionamento, por estarem associadas a cada etapa do grupo focal.

Além das tarefas que serão citadas posteriormente, quando o pesquisador trabalha com um referencial teórico específico, o papel do moderador está comprometido também com as premissas desse referencial. Em linhas gerais, se o moderador traz como suporte teórico modelos mais clínicos de condução e análise de grupos, há uma tendência em ser diretivo apenas o mínimo necessário para que não se desvie em demasia do tema da discussão. Deve-se deixar claro que isso não é uma regra. É comum também que se tenha uma formação prévia no trabalho com grupos quando se tem tais suportes como referência.

## **Observador**

O observador é fundamental para validar a investigação que utiliza grupo focal. Um dos papéis mais importantes do observador é analisar a rede de interações presentes durante o processo grupal. Cabe a ele, também, apontar as reações do moderador com relação ao grupo, suas dificuldades e limitações. O observador deve ter posição menos ativa, restringindo-se ao registro de comunicações não-verbais, linguagem, atitudes preocupações e ordem de respostas que seja considerada importante. No entanto, o observador não deve esperar que tudo seja significativo. Assim como no caso do moderador, o conhecimento prévio do tema auxilia no registro que cabe ao observador. O papel principal do observador é viabilizar a discussão após o término do grupo com o moderador, quando o primeiro expõe suas impressões e registros, com o intuito de redefinir o temário, evitar conclusões precipitadas por parte do moderador, avaliar as intervenções feitas, etc. Esta é uma etapa específica da condução do grupo focal que apresentarei a seguir.

## **O temário ou guia de temas**

É no temário ou guia de temas que a ligação entre os objetivos de pesquisa e o grupo focal fica mais evidente. Objetivos bem definidos levam a um bom

temário, que, por sua vez, leva a uma investigação mais produtiva. O temário é, na verdade, uma orientação, um auxílio para a memorização de questões importantes a ser tratadas. Deverá ser flexível o suficiente para que a discussão transcorra de forma espontânea e ainda assegurar que novas questões possam ser introduzidas.

Em termos práticos, elaborar um temário requer que o pesquisador esboce áreas de indagação de acordo com os objetivos do estudo. Em seguida, associadas a cada área, devem ser elaboradas questões específicas. Deve-se ficar atento para eliminar questões que não estejam ligadas aos objetivos.

O tamanho e a especificidade de questões num temário dependem da experiência do moderador. Mas ele não deve ser muito grande para que o grupo focal não se torne cansativo e a discussão se empobreça. Ainda assim, é aconselhada a formulação do temário, para que o debate não corra o risco de se tornar uma conversa desestruturada.

### **A condução da discussão: etapas dos grupos focais**

As etapas previstas para o funcionamento dos grupos focais são: abertura, preparação, debate, encerramento, discussão, ação posterior. Cada etapa envolve tarefas específicas por parte do moderador. O papel de observação está um pouco mais diluído nas etapas iniciais, ficando mais específico na etapa de discussão. A estruturação das etapas apresentada a seguir é encontrada em Debus (1988).

#### **Introdução: abertura do moderador**

Este é o momento de estabelecer o *rappport* com o grupo. O moderador deve fazer breve introdução, com o objetivo de tranquilizar e estabelecer o enquadre para o grupo; ele se apresenta e explica os objetivos do grupo, e, em seguida, assegura para os participantes que não existem opiniões corretas, que opiniões contrárias serão bem-vindas e que não há interesse em nenhuma opinião em particular. O moderador pede aos participantes que falem um de cada vez e explica que é permitido intervir na fala do outro, mas que devem ser evitadas interrupções desnecessárias. Pede-se permissão para gravação (em áudio ou vídeo) quando essas formas de registro estão previstas na pesquisa.

#### **Etapa I: preparação**

Neste momento, o moderador convida os participantes a se apresentarem. Podem ser utilizadas técnicas de dinâmica de grupo, desde que não desencadeie prematuramente a discussão de questões mais profundas. O objetivo aqui é es-



tabelecer boa relação entre os participantes. No final desta etapa, os vários indivíduos devem estar interagindo e começando a se organizar em torno do tema. É dever do moderador fazer a transição de uma etapa para a seguinte de forma fluida, sem rompimentos bruscos. Esta etapa dura aproximadamente 10 minutos.

### **Etapa II: conjunto do debate em grupo**

O momento do debate requer a passagem para questões progressivamente mais específicas; passa-se de questões mais concretas para as mais abstratas. O objetivo agora se aproxima mais dos objetivos da pesquisa: “Explorar plenamente a natureza da dinâmica das atitudes associadas com os comportamentos dos participantes e observar diretamente a linguagem e emoções dos participantes associadas com a temática tratada” (DEBUS, 1998, p. 69).

Nesta hora, o moderador deve dispor da sua habilidade de permitir que o debate transcorra de forma espontânea, estando atento, porém, para os prováveis desvios do tema.

É essencial a investigação em profundidade. Deve-se recorrer a técnicas que aprofundem a discussão, como, por exemplo, repetir a afirmação do participante de forma interrogativa e lançar mão de perguntas como: você parece ter uma opinião muito arraigada sobre isso. O que você acha que os outros pensam?; pode me dar um exemplo?; você começou a dizer alguma coisa...

O moderador deve estar atento também para deixar em suspenso um tema demasiadamente profundo, levantado prematuramente por algum participante, e retomá-lo oportunamente, dando a palavra ao participante que o trouxe para a discussão. A inserção de perguntas não previstas no temário, mas que se mostrem importantes para a elucidação do tema proposto, deve ser realizada quando se fizer necessária.

Retomo a relevância de se fomentar desacordos legítimos entre os participantes. A técnica de grupos focais não pressupõe a busca de consensos.

### **Etapa III: encerramento do grupo**

O encerramento requer a exposição, de maneira sintética, da discussão promovida pelo grupo focal. Pode-se também esclarecer dúvidas que tenham ficado pendentes. O moderador deve ficar atento para não inferir juízos de valor ao resumir posicionamentos contrários no grupo. O propósito é identificar, com o grupo presente, temas principais, consolidar os sentimentos dos grupos acerca de algumas questões e identificar diferenças principais.

#### **Etapa IV: questões posteriores à avaliação do grupo**

A discussão posterior ao grupo focal envolve a análise de implicações do moderador em relação à pesquisa e ao grupo, na tentativa de separar o sentimento do grupo daqueles expressos pelo moderador.

É também a hora de avaliar se a experiência do grupo pode ser comparada à de outros grupos, e se a divisão do grupo, bem como temário e moderação, foi adequada.

#### **Etapa V: ação posterior**

Na avaliação dos resultados obtidos, esta etapa visa verificar se as necessidades de informação foram satisfeitas, se são necessários mais grupos, se o temário precisa ser revisto e se é necessária uma investigação quantitativa de alguns resultados. Feita essa primeira análise, deve-se tomar providências para futuras investigações.

#### **Análise dos dados**

A análise dos dados é superficialmente discutida na bibliografia abordada. A análise feita pela organização de temas (análise temática) é o procedimento indicado por alguns autores (NERY, 1997; OLIVEIRA; WERBA, 1998; CHIESA; CIAMPONE, 1999; PEREIRA *et al.*, 1999; SENA; DUARTE, 1999; DEBUS 1988). Bardin (1988) define a análise de conteúdo como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”, tendo como finalidade principal a interpretação dessas comunicações. Pressupõem-se registro e transcrição dos dados e construção de categorias de análise.

Krueger (2002) apresenta a análise de dados acontecendo de forma concomitante ao processo de condução do grupo. A postura do moderador, a etapa de ação posterior e a própria qualidade da transcrição dos dados devem ser consideradas no processo de análise. Além disso, o autor aponta como dicas de análise a avaliação das palavras utilizadas na discussão e seus significados, a intensidade em que elas são ditas, as posições tomadas pelos integrantes diante de determinados pontos, o quão aprofundado foi o debate e que idéias originais ele proporcionou.

Outras formas de análise dos dados podem ser encontradas em Bardin (1988). Deve ser registrado o desafio que se lança ao pesquisador para a análise tanto do conteúdo da discussão em grupo quanto do processo grupal. Nesse momento, o pesquisador deve apresentar coerência em relação aos pressupostos teórico-metodológicos que sustentam sua investigação. O exercício do papel de observação coloca à disposição uma análise dos vínculos e processos di-

nômicos do grupo. Dessa forma, o procedimento de análise de grupos focais envolve tanto uma análise temática quanto uma análise das interações, necessariamente interligadas.



As delimitações para construção e condução dos grupos focais levantadas neste trabalho apontam para o uso criterioso desse recurso metodológico. Concordando com Canales e Peinado (1995), não se pode utilizar uma técnica, qualquer que seja ela, sem considerar suas bases epistemológicas e metodológicas. O grupo focal, por sua fundamentação na discursividade e interação, inscreve-se na tradição dialética, pressupondo a construção de conhecimento em espaços de intersubjetividade. Esses autores apontam essa técnica em sua natureza qualitativa. Dessa forma, devemos pressupor que as muitas vezes envolvidas no grupo focal formem um coro de semelhanças e diferenças, construções e desconstruções, inerentes à intersubjetividade que está em jogo.

Limitado à descrição da técnica de grupos focais, este trabalho encaminha aos leitores o aprofundamento dos pressupostos teórico-metodológicos apenas mencionados aqui. Ao contrário de pretender esgotar o tema, este artigo coloca-se como um convite aos interessados em desenvolver pesquisas e trabalhos que utilizem essa técnica e contribuir, então, para um debate profícuo que venha a colocá-la em pauta.

### Abstract

This article intends to offer some elements for the discerning use of focus groups technique in research practices. Main points for designing and conducting focus groups are highlighted. Therefore, the study focuses on describing what a focus group is, recognizing the criteria for its formation and the stages of the group conduction. The moderator's and the observer's positions in the group, as well as the importance of guaranteeing a shared discussion of a certain theme, are pointed out. In accordance with the consulted bibliography, it is assumed that focus group is essentially a data collection technique. However, the importance to be guided by theoretical and methodological approaches that sustain its use is emphasized.

Key words: Focus groups; Focus group design and conduction.

## Referências

- AFONSO, Lúcia; COUTINHO, Adriane Ramiro Azeredo. Metodologias de trabalho com grupos e sua utilização na área da saúde. In: AFONSO, L. et al. **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. Belo Horizonte: Campo Social, 2003.
- AIGNEREN, M. La técnica de recolección de información mediante los grupos focales. **Revista electrónica del Centro de Investigación Social (CEO)**, 2001. Disponível em [http://ccp.ucr.ac.cr/bvp/texto/14/grupos\\_focales.htm](http://ccp.ucr.ac.cr/bvp/texto/14/grupos_focales.htm) Acessado em 14/4/2004.
- ALZAGA, Bernardo Russi. Grupos de discusión: de la investigación social a la investigación reflexiva. In: GALINDO, J. (Coord.) **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunidad**. México: Addison Wesley Longman, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BION, Wilfred Ruprecht. **Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupos**. Tradução de Walfredo Ismael de Oliveira. São Paulo: Imago, 1975.
- CANALES, Manuel; PEINADO, Anselmo. Grupos de discusión. In: DELGADO, J. M.; GUTIERREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Suintens, 1995.
- CHIESA, A. M.; CIAMPONE, M. H. T. Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC**. Brasília: ABEN. 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).
- COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1999.
- DEBUS, Mary. (Org.). **Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales**. Pennsylvania: University of Pennsylvania/ Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli, 1988.
- KIND, Luciana. **A (des)construção da morte: representações sociais do câncer no contexto de tratamento quimioterápico**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.
- KRUEGER, Richard. **Designing and conducting focus group interviews**. 2002. (leaflet)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- NERY, Samantha. O. **Grupo focal**. (Extraído do Projeto Itajubá – Tecnópolis). 1997. Mimeografado.
- OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações Sociais. In: JACQUES, M. G. P. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PEREIRA, M. J. B. et al. Grupo focal: experiência na coleta de dados do Projeto CIPESC-Brasil. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC**.

Brasília: ABEN. 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. Tradução Marco Aurélio Fernandes Velloso. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REYES, Tomás. **Métodos cualitativos de investigación**: los grupos focales y el estudio de caso. Universidad de Puerto Rico, Recinto de Rio Piedras. Disponível em <<http://rrpac.upr.clu.edu:9090/~treyes/investig/metcualitativos.htm>> Acessado em 17/8/02.

ROSO, Adriane. grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática. **Psico**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 155-169, 1997.

SENA, R. R.; DUARTE, E. D. Contribuições para a construção do percurso metodológico do Projeto CIPESC. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva** – CIPESC. Brasília: ABEN. 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).